

O ALÇAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS: UM ESTUDO DO FALAR ITUIUTABANO

Allyne Garcia BISINOTTO¹

Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais
allynebisinotto@gmail.com

Resumo: o objetivo desta pesquisa foi descrever o alçamento das vogais médias pretônicas no falar de Ituiutaba Minas Gerais. Utilizamos a metodologia de LABOV (2008). O *corpus* foi constituído por 2143 ocorrências, sendo 1514 realizações da vogal /e/ e 629 da vogal /o/. Essas vogais foram analisadas em nomes a partir das 24 entrevistas realizadas. Os informantes da pesquisa foram estratificados por: sexo; faixa etária; escolaridade. Estabelecemos como variáveis linguísticas: distância da sílaba tônica; tipo de sílaba; vogal na primeira sílaba; vogal da sílaba tônica; contextos fonológicos precedente e seguinte: ponto de articulação e modo de articulação; e nasalidade. Após as análises estatísticas computadas pelo *software Goldvarb*, os contextos favorecedores para o alçamento de /e/ foram: vogal alta na sílaba tônica; consoantes não contínuas em contexto seguinte; consoantes dorsais em contexto seguinte; vogal média pretônica na sílaba inicial; consoantes labiais em contexto precedente e distância 1 da sílaba tônica. Os contextos que favoreceram o alçamento de /o/ foram: sílaba aberta; vogal média baixa e alta na sílaba tônica; vogal média pretônica na sílaba inicial; distância 1 da sílaba tônica; consoantes não contínuas em contexto precedente; consoantes labiais e coronais em contexto precedente; consoante labial em contexto seguinte.

Palavras-chave: alçamento; vogal média pretônica; metodologia variacionista.

1 Introdução

Sabemos que as línguas apresentam variações fonéticas, fonológicas, morfológicas e sintáticas, isto é, falantes de uma dada língua ou dialeto podem realizar escolhas entres sons, vocábulos ou estruturas. No Português Brasileiro (doravante PB), encontram-se variações, por exemplo, entre a realização das vogais médias pretônicas como em *pepino ~ pipino*; entre os pronomes *você* e *tu*; alternância entre os pronomes *nós* e *a gente* (o *a gente* usado com sentido de pronome); concordância nominal *os meninos/os menino*; dentre outras. Tais fenômenos linguísticos revelam que essas variações não são baseadas apenas em critérios puramente linguísticos, mas em uma combinação de vários fatores, tais como regionais, sociais, histórico-temporais, sexo, faixa etária, dentre outros.

Vários estudos para análise da variabilidade dos falares existentes no Brasil e no mundo têm sido realizados. Nesse sentido, de forma mais específica, importantes pesquisas concernentes à Fonologia têm sido desenvolvidas, pois é nessa esfera da Linguística que a língua é analisada de modo a explicar a organização dos sons, possibilitando, assim, a interpretação de seus padrões e suas variações.

No presente trabalho, destacamos a variação das vogais médias pretônicas, pois esse é um dos fenômenos que também mostra a pluralidade linguística e cultural existente no Brasil. Por exemplo, as vogais médias pretônicas, predominantemente, são realizadas de forma aberta em algumas regiões do Norte e Nordeste do país, enquanto nas regiões do Sul e Sudeste essas vogais variam em forma fechada e alçada. Tendo isso em vista, os estudos sobre vogais

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Santa Mônica. Orientador: José Sueli de Magalhães.

médias pretônicas têm revelado argumentos consideráveis não somente na esfera da Fonologia, mas também em sua inter-relação com outros níveis da gramática.

A variabilidade das vogais médias pretônicas é observada desde 1953, nas análises realizadas por Antenor Nascentes. Em seu trabalho, esse pesquisador dividiu o país em seis subfalares incorporados em dois grupos: Norte e Sul. Esse trabalho será retomado no capítulo dos aportes teóricos.

Nas últimas décadas, essa variação, o alçamento de vogais pretônicas, foi objeto de estudos em Mota (1979), Bisol (1981), Freitas (2001), Viegas (1987, 2001), Célia (2004), Viana (2008), entre outros.

Tendo em vista esse comportamento linguístico notável no PB, considerando que trabalhos dessa natureza não foram ainda realizados no Pontal do Triângulo Mineiro, e por observar que, no falar dessa região, na realização das vogais médias pretônicas o alçamento é variável, o estudo proposto tornou-se de grande relevância, uma vez que os fenômenos fonético-fonológicos estão relacionados principalmente ao sistema vocálico. Viegas (inédito *apud* ALMEIDA, 2008) ressaltou a importância de estudar a variação das vogais médias pretônicas no Brasil e, especialmente, as variações linguísticas em Minas Gerais:

Várias divisões dos falares do Brasil, e de Minas, existentes nos dias atuais consideram a pronúncia das vogais antes da sílaba tônica da palavra (m~~o~~derno, m~~o~~derno ou m~~u~~derno) como fator fundamental para a divisão das maneiras de falar do Brasil. Assim, o estudo dessas vogais parece ser de fundamental importância para desvendar o “mistério” que envolve as variações do português nas diversas regiões do Brasil. [...]

Assim, podemos dizer que encontramos em Minas variações que estão presentes em grande parte do Brasil. Como conseqüência, se estudarmos a fala das diversas regiões de Minas, estaremos estudando a fala de grande parte do Brasil – essa é uma característica importante do Estado. Esse é, portanto, um Estado-chave para os estudos da variação linguística do português do Brasil. (VIEGAS, inédito *apud* ALMEIDA, 2008, p. 26).

Este trabalho, portanto, teve como **objetivo principal** descrever o alçamento das vogais médias pretônicas dos nomes (substantivos e adjetivos) no falar da comunidade urbana de Ituiutaba, localizada no Pontal do Triângulo Mineiro. Delimitamos os nomes para esta pesquisa, porque são passíveis de derivação. A metodologia em que se baseia esta pesquisa analítico-descritiva é da Sociolinguística Variacionista, encontrada em Labov (2008)². Utilizamos também argumentos neogramáticos e difusionistas para a explicação de fenômenos linguísticos encontrados em nossos dados. A pesquisa apresentou uma análise empírica, sustentada por dados quantitativos que possibilitaram a sistematização das variações linguísticas.

Diante disso, buscamos respostas para as seguintes perguntas:

- Qual é a fotografia linguística do falar Ituiutabano, observando-se o alçamento de /e/ e de /o/ como variável?
- Qual das vogais em estudo, /e/ ou /o/, sofre mais alçamento?
- Que variáveis extralinguísticas, entre faixa etária, grau de escolaridade e sexo, favorecem o alçamento pretônico no falar Ituiutabano?

Dado que muitos estudos sobre as vogais pretônicas do PB são explicados tanto pela hipótese neogramática quanto pela hipótese difusionista, acreditamos que, no falar Ituiutabano, essas hipóteses podem estar em aliança para a análise do fenômeno delimitado.

2 Versão traduzida do original de 1972.

Como apresentado, este trabalho pautou-se em um estudo de variação fonológica. Desse modo, a pesquisa perseguiu os seguintes objetivos específicos:

- descrever a realidade fonético-fonológica atual dessa cidade no que tange ao alicamento das vogais médias pretônicas;
- identificar e descrever os ambientes linguísticos e extralinguísticos que favorecem e desfavorecem o alicamento;
- descrever e discutir os dados computados pelo programa de análise estatística *Goldvarb*.
- testar as conclusões de Bisol (1981) e Viegas (1987) sobre o alicamento das vogais médias pretônicas com os dados da fala de Ituiutaba;

2 Vogais do Português Brasileiro

A variação existente na pronúncia das vogais médias pretônicas do PB incitou várias discussões no âmbito da Linguística, principalmente na Fonologia, envolvendo importantes estudiosos que serão elencados a seguir. Essas discussões continuam atualmente, pois a intensa variabilidade na realização das vogais médias pretônicas no PB permite que novas reflexões sejam delineadas e debatidas.

Nascentes (1953) já descrevia, em seu estudo com o dialeto carioca, variações dialetais no tocante à realização das vogais pretônicas no Brasil. Esse pesquisador dividiu o país em sete subfalares (amazônico, nordestino, território incharacterístico, baiano, mineiro, sulista, fluminense), em dois grupos, Norte e Sul:

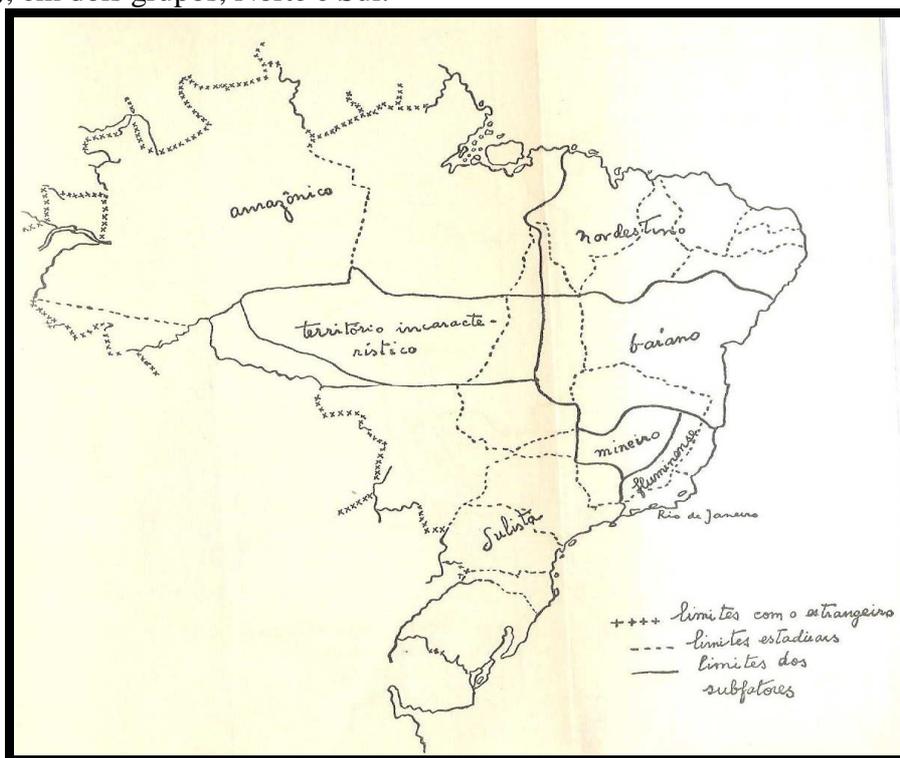


FIGURA 1 – Mapa do Brasil: Divisão dos falares do Português Brasileiro segundo Nascentes (1953)

FONTE: Nascentes (1953, p.18)

Nessa divisão, o investigador expôs que não havia pronúncia de vogais pretônicas abertas no Sul, região que inclui o dialeto Triângulo Mineiro, exceto em alguns casos de derivação.

Câmara Júnior (2006) apresentou as vogais do português falado em um sistema complexo triangular, no qual são denominadas: *vogais anteriores*, *vogais centrais* e *vogais posteriores*.

A descrição das vogais a seguir foi pautada na observação da fala do Rio de Janeiro, sem a gravação da fala dos cariocas, portanto, sua descrição foi bastante intuitiva. Esse estudioso classificou os fonemas vocálicos a partir da posição tônica, deduzindo, assim, as vogais distintivas:

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1ª grau)
baixas		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

FIGURA 2 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição tônica
FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41)

De acordo com o quadro acima, para Câmara Júnior, as vogais, em sua modalidade oral, não consistiam apenas no uso simples de cinco letras que aprendemos na escola, mas sim em um sistema muito mais complexo. O autor defendeu que, na oralidade, há sete fonemas vocálicos na posição tônica, sendo estes multiplicados em diversos alofones. Por exemplo, nessa posição, mantêm-se os contrastes fonêmicos nas vogais médias na distinção entre palavras como: *governo* (substantivo) e *governo* (verbo); *seco* (adjetivo) e *seco* (verbo).

Todavia, na posição pretônica, isso não ocorrerá. Com o uso da vogal média nessa posição, haverá a perda do traço distintivo em relação às vogais médias abertas e uma palavra não se distinguirá de outra. Devido a essa perda de traços, ocorre um processo fonológico chamado neutralização. Com esse processo, o sistema vocálico reduz-se a cinco vogais:

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	
baixas		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

FIGURA 3 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição pretônica
FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41)

Em posição postônica não-final, o sistema de sete vogais reduz-se para quatro: /a, ê, i, u/. Isso se dá, por exemplo, em palavras como *catál[a]go*, *semáf[e]ro*, *ól[i]o*, *ar[i]a*, *név[u]a*, *abób[u]ra*:

altas	/u/		/i/	
médias	...		/e/	
baixas		/a/		
	Posteriores	Central	Anteriores	

FIGURA 4 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição postônica
FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41).

Finalizando, o sistema reduz-se a três vogais quando em posição final de palavra /a, i, u/:

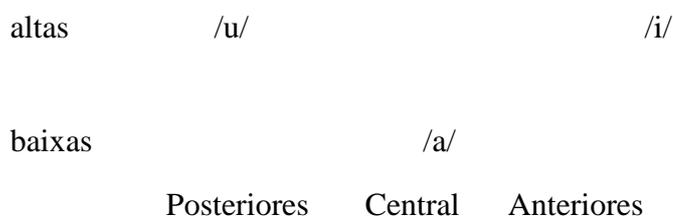


FIGURA 5 – Sistema vocálico do Português Brasileiro na posição final
 FONTE: Câmara Jr. (2006, p. 41)

Para Bisol (2003), as vogais do PB não figuram como três regras de neutralização, mas sim apenas duas. A autora defendeu que o sistema vocálico de sete vogais é evidenciado inteiramente em posição tônica e em dois subsistemas átonos de cinco e três vogais. O sistema de cinco vogais /a, e, i, o, u/ tem uma realização absoluta na pauta pretônica e o sistema de três vogais /a, i, u/, na átona final. Na postônica não-final, há uma alternância entre os dois sistemas átonos: o de cinco e o de três. Segundo Bisol (*op. cit.*), neutralização é a perda do traço que distingue em si dois fonemas, exemplo belo > beleza – alçamento. A pesquisadora enfatizou que a regra de neutralização é um processo natural que se encontra em muitas outras línguas do mundo.

Outra espécie de neutralização fonológica é a harmonia vocálica que, consoante Bisol (1981), configura-se por assimilação do traço da vogal seguinte para a pretônica, isto é, a vogal pretônica assume traços altos da vogal imediatamente seguinte, independentemente de sua tonicidade.

Como mencionado anteriormente nos postulados Câmara Júnior (2006), os dialetos do PB apresentaram variações na realização das vogais médias, sendo: média aberta [ɛ] ou [ɔ]; média fechada [e] ou [o]; ou como vogal alta [i] ou [u]. Contudo, não pudemos classificar nenhuma dessas possibilidades como características de um dialeto específico. Ao passo que, de forma geral, as vogais médias abertas caracterizam dialetos do Norte e Nordeste, as médias fechadas caracterizam os sulistas³ e as médias altas caracterizam as regiões Centrais do Brasil. Vale ressaltar que cada uma dessas possibilidades pode ser encontrada com mais frequência em uma determinada região. Por exemplo, em relação à palavra *moleque*, espera-se encontrar *m[ɔ]leque* nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, *m[o]leque* na região Sul, nas regiões Centrais e Sudeste do Brasil, *m[u]leque*.

Nesse sentido, na seção a seguir, relataremos os principais estudos sobre vogais pretônicas no PB.

3 Principais estudos sobre vogais médias pretônicas no Brasil

3 O termo “sulistas” foi utilizado de acordo com a divisão dos falares feita por Antenor Nascentes (1953).

Demonstraremos, a seguir, o panorama estatístico sobre a ocorrência de alçamento das vogais pretônicas no PB⁴:

Estudo sobre vogais pretônicas no Brasil	e ~ i	%	Cidade
Mota (1979) ⁵	–	–	Ribeirópolis - SE
Bisol (1981) fala popular	1276/5743	22	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS
Bisol (1981) fala culta	503/2364	21	
Viegas, 1987	871/2190	40	Belo Horizonte - MG
Bortoni, Gomes e Malvar (1992) ⁶	–	–	Brasília - DF
Freitas (2001)	529/2036	26	Bragança - PA
Célia (2004) ⁷	240/1714	14	Nova Venécia - ES
Viana (2008)	4012/10.679	37,5	Pará de Minas - MG

QUADRO 2 – Para a variável /e/ – ocorrência de alçamento

Estudo sobre vogais pretônicas	o ~ u	%	Cidade
Mota (1979)	–	–	Ribeirópolis - SE
Bisol (1981) fala popular	1669/5261	32	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS - RS
Bisol (1981) fala culta	465/2128	22	
Viegas (1987)	396/1741	22	Belo Horizonte - MG
Bortoni, Gomes e Malvar (1992) ⁸	–	–	Brasília - DF
Freitas (2001)	249/1781	14	Bragança - PA
Célia (2004)	259/1236	20	Nova Venécia - ES
Viana (2008)	1622/6509	25,6	Pará de Minas - MG

QUADRO 3 – Para a variável /o/ – ocorrência de alçamento

Nos quadros acima, podemos observar que, estatisticamente, a realização do alçamento /e/ nos estudos de Bisol (1981) aproxima-se do alçamento analisado nos estudos de Freitas (2001). Em contrapartida, esses estudos distanciam dos estudos de Viegas (1987) e Viana (2008). Diferentemente, o alçamento de /o/ nos estudos de Bisol aproxima-se do alçamento nas análises de Viana e distancia dos estudos de Freitas.

Explicar semelhanças e diferenças sociais, culturais e linguísticas entre o alçamento de /e/ e de /o/ nessas pesquisas, necessitaria de um estudo sociolinguístico mais amplo. Portanto,

4 Delimitamos apenas o fenômeno alçamento de /e/ e de /o/ para comparar algumas conclusões desses trabalhos nesta pesquisa.

5 Não há dados estatísticos.

6 Apresenta estatisticamente a ocorrência do alçamento por cada variável.

7 Analisou o falar somente de mulheres.

8 Apresenta estatisticamente a ocorrência do alçamento por cada variável.

o objetivo desses quadros é apenas mostrar as semelhanças e diferenças estatísticas nas realizações do alçamento de algumas regiões do Brasil.

4 Metodologia

4.1 Tipo de pesquisa e modelo de experimento

A metodologia em que se baseia esta pesquisa analítico-descritiva é a Sociolinguística Variacionista Laboviana, de Labov (2008). Com o objetivo de descrever o estado atual do alçamento das vogais médias pretônicas no falar Ituiutabano, adotamos apenas a língua falada em tempo aparente para esta pesquisa. O tempo aparente, na pesquisa sociolinguística, caracteriza-se por um recorte da comunidade linguística atual em diferentes faixas etárias, sexo e escolaridade. Esses fatores, posteriormente, serão cruzados com o fenômeno linguístico pesquisado.

4.1.1 Sociolinguística Variacionista

O objetivo principal da Sociolinguística Variacionista é estudar a língua em seu uso em uma determinada comunidade linguística, bem como analisar a complexa relação entre língua, cultura e sociedade. Essa teoria confronta-se com correntes linguísticas anteriores, estruturalismo e gerativismo, visto que estruturalistas e gerativistas não incluíam em suas análises a variação existente nas línguas, assim como aspectos extralinguísticos influenciadores dessa variação. Foi William Labov quem impulsionou, a partir de seus estudos com comunidades de fala, a Sociolinguística Variacionista.

Labov defendeu que a mudança e a variação linguística são impossíveis de serem compreendidas desconectadas do meio social e cultural. Nessa teoria, propõe que fenômenos linguísticos estão interligados aos indivíduos de uma comunidade linguística e distribuídos em grupos sociais. Nesse sentido, Labov (2008) argumenta que [...] *as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.* (LABOV, 2008, p. 21).

Para a fundamentação dos argumentos supramencionados, Labov pautou-se em três relevantes trabalhos, que se tornaram parâmetros para pesquisas sociolinguísticas variacionistas. O primeiro estudo foi a estratificação social do [r] pós-vocálico na cidade de New York; o segundo estudo foi realizado com nativos da ilha Martha's Vineyard, Massachusetts, em que o autor observa a pronúncia dos ditongos [ay] e [aw] do inglês; o terceiro foi feito com adolescentes negros do Harlem, New York, investigando o apagamento da cópula na pronúncia desses falantes.

Para uma pesquisa Sociolinguística Variacionista, segundo Labov (2008), é necessário, inicialmente, observar [...] *um item seja freqüente, que ocorra tão reiteradamente no curso de uma conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não-estruturados e de entrevistas curtas.* (LABOV, 2008, p. 26).

A constituição do *corpus* de uma pesquisa sociolinguística variacionista é por meio da coleta de dados da fala espontânea de um número considerável de informantes. Sendo a busca do vernáculo o objeto de estudo da sociolinguística, são realizadas perguntas em que os informantes produzem narrativas de experiência pessoal para que esses realizem um discurso mais espontâneo e informal. Os informantes são estratificados por grupos sociais – sexo, faixa etária, escolaridade; grupos étnicos; localização geográfica; nível econômico (não utilizado em pesquisas atuais), dentre outros.

Detectada a variável linguística a ser estudada, o pesquisador elabora fatores linguísticos e extralinguísticos que possam interferir na realização dessa variável em uma determinada comunidade de fala. Um exemplo de fator de linguístico é o tipo da vogal

subsequente (alta, média, média baixa, baixa) à vogal média pretônica. Fatores extralinguísticos são os aspectos sociais dos indivíduos - sexo, faixa, escolaridade, etária, etnia, dentre outros.

Com os dados coletados e as variáveis delimitadas, o linguista faz a transcrição ortográfica desses dados, realiza a codificação, a análise estatística e, por fim, a descrição e a interpretação dos resultados estatísticos.

5 Contexto da pesquisa

5.1 Área geográfica de Ituiutaba

A pesquisa está sendo desenvolvida com informantes da cidade de Ituiutaba, cidade localizada na microrregião do Pontal do Triângulo Mineiro. A seguir, os respectivos mapas das microrregiões do Estado de Minas Gerais, do Pontal do Triângulo Mineiro e da região urbana de Ituiutaba.



FIGURA 6 – Mapa das microrregiões de Minas Gerais

FONTE: <http://www.bdmg.mg.gov.br/entidades/images/mapas/mapa_fiemggif>

Conforme a figura abaixo, o município a ser pesquisado é o município número 05:

5.2 Ituiutaba⁹

Ituiutaba, antes de ser invadida pelos sertanejos, era uma região habitada por índios Caiapós (ameríndios do grupo Gê-bugres). No início do século XIX, no ano de 1820, dois sertanejos – Joaquim Antônio de Moraes e José da Silva Ramos – chegaram a essa cidade, ambos vindos do Sul de Minas. Após grandes lutas e batalhas com os índios, os sertanejos e seus companheiros conseguiram expulsar *os verdadeiros donos da terra* e permaneceram na região. Nesse sentido, Ferreira (2007) argumenta que os vários exploradores que passavam pela região consideravam Ituiutaba como fértil e inexplorada, fato que atraía várias pessoas de várias regiões do país e de outros países.

Petraglia (1953) relata que italianos chegaram a Ituiutaba no início do século XIX, porém, a permanência deles nessa cidade durou até o início do século XIX. Esses italianos vieram com profissões e nomes definidos, prestando grandes serviços para a cidade, tais como na construção de igrejas católicas, na liderança religiosa, assim como em movimentos políticos, medicina e construções civis.

No final do século XIX, São José do Tijuco (nome de Ituiutaba daquela época), recebia o primeiro representante da colônia sírio-libanesa, Miguel Zacarias. Logo depois, atraído pela vinda de Miguel a Ituiutaba, Abrão Calil chega com sua família, que, de forma efetiva, colaborou para o crescimento comercial de Ituiutaba¹⁰.

Diante disso, a cidade foi crescendo nos primeiros vinte anos do século XIX e novas famílias sírio-libanesas vieram para essa cidade, atraídas pela exuberante “fama” econômica, pela capacidade comercial da região e pela riqueza do solo. Outras pessoas vinham por meio de convites feitos pelas famílias residentes na cidade. Cabe ressaltar, portanto, que os primeiros estabelecimentos industriais da cidade foram de iniciativa da colônia sírio-libanesa.

A cidade teve vários nomes no decorrer de sua história: Campanhas do Tejuco, Capela de São José do Tijuco, Distrito de São José do Tejuco, Curato de São José e Freguesia de São José do Tejuco¹¹. A chegada do Padre Ângelo Tardio Bruno, com intuito de parocar a Freguesia de São José do Tejuco, impeliu o progresso. Assim sendo, a região passou a ser Vila Platina em 16 de setembro de 1901, data da emancipação da cidade. Em 1915, o ilustre Senador Camilo Chaves criou o topônimo ameríndio: ITUIUTABA, neologismo que significa “Povoação do Rio Tijuco”: IG = rio, TUYU = tijuco (lama) e TABA = povoação.

Entre 1940 e 1960, Ituiutaba recebeu uma grande quantidade de migrantes nordestinos, principalmente do Rio Grande Norte e Paraíba, com intuito de trabalhar na lavoura, pois, naquela época, Ituiutaba era considerada “Capital do Arroz”. Com a construção da usina de álcool, Triálcool, na década de 1980, o município passou por várias transformações; contudo, a migração nordestina permanecia.

Atualmente, com 109 anos de emancipação, Ituiutaba tem aproximadamente 97.159 habitantes (IBGE, 2010) e é considerada um pólo regional, atendendo com serviços variados (nos setores do comércio, indústria, educação e prestação de serviços) na região do Pontal do Triângulo Mineiro. Referência pode ser feita pelos municípios de Capinópolis, Santa Vitória, Gurinhatã, Ipiacu, Centralina, Canápolis e Cachoeira Dourada de Minas como cidades limítrofes dessa região.

Ituiutaba localiza-se a 683 quilômetros da capital Belo Horizonte, situando-se no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, especificamente no centro-oeste do Triângulo, e seu gentílico é ituiutabano ou tijucano. A área desse município é de 2.587.339 Km², e localiza-se

⁹ Cf. Centenário, 2001. Lançamento do livro *O centenário* em comemoração aos cem anos de emancipação.

10 Cf. Revista *Acaíaca*, 1953.

11 As palavras *Tejuco* e *Tijuco* são escritas de acordo com o material bibliográfico utilizado, e são encontradas de ambas as formas.

em uma região banhada pelos rios Tijuco, Prata e bacia do Rio Paranaíba. A cidade é fronteira com o Estado de Goiás.

As condições climáticas, relevo e recursos hídricos, que favoreceram as atividades agrícolas, pecuárias e agroindustriais, fizeram com que Ituiutaba transformasse-se em um pólo regional. Hoje, destaca-se também pela qualidade no tratamento da água, com certificado internacional ISO 9002. Na cidade, destacam-se, ainda, a existência da unidade multinacional Nestlé, que é a maior da América Latina em fabricação de leite em pó, o frigorífico Grupo JBS – Friboi, uma das maiores empresas de abate e exportação animal do país, e as indústrias de bioenergia. O PIB dessa região é aproximadamente R\$ 1.326.391,626 (IBGE, 2008).

Em 2008, esse município foi beneficiado com um grande projeto de uma usina sucroalcooleira: Ituiutaba Bioenergia – Grupo Santa Elisa da CNAA (Companhia Nacional de Açúcar e Álcool), que movimentou consideravelmente a cidade, gerando em torno de cinco mil empregos diretos, atraindo a vinda de trabalhadores de várias partes do Brasil.

É importante salientar que, no que tange à educação, Ituiutaba tem, desde a década de 1970, duas instituições de ensino superior – Faculdade Triângulo Mineiro (FTM) e Fundação Educacional de Ituiutaba-Universidade do Estado de Minas Gerais (FEIT-UEMG) –, sendo a primeira delas estritamente particular e a segunda, há 20 anos, tornou-se um *campus* fundacional associado à Universidade do Estado de Minas Gerais. Sediou em 2008 um *campus* avançado da Universidade Federal de Uberlândia, *Campus* do Pontal, em que foi implantada a FACIP – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, com nove cursos superiores, garantindo-se, assim, mais qualidade à educação dessa região. Com a implantação do CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica, IFTM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, Ituiutaba destaca-se mais ainda no setor educacional, com oferecimento de ensino técnico profissionalizante federal.

5.3 Constituição da amostra

Antes da realização das entrevistas, o *corpus* desta pesquisa foi projetado com 36 informantes, pelo método aleatório estratificado. Todavia, houve uma reformulação na variável escolaridade devido à quase inexistência de pessoas com escolaridade entre 0-4 anos de estudos, principalmente homens, que sempre moraram neste município. Anteriormente, o fator escolaridade foi constituído em três células: 0-4 anos, 5-11 anos e mais de 11 anos, composto por dois informantes em cada. Atualmente, esse fator apresenta-se apenas com duas células: 0-11 e mais de 11. Devido a isso, houve a redução de informantes, de 36 para 24, sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Quanto às variáveis faixa etária e sexo, não houve alterações. Cada grupo de informantes (sexo masculino e feminino) foi dividido de acordo com a esquematização abaixo. Os informantes selecionados são nascidos na cidade ou nela chegaram até os cinco anos de idade, não se ausentando da cidade por tempo superior a dois anos. A esquematização da amostra é assim organizada:

Total	Sexo	Escolaridade (anos de estudo)	Faixa etária
24	(12) FEMININO	0-11 e mais de 11	15 a 25 anos 26 a 49 anos Acima de 49
	(12) MASCULINO		

QUADRO 4 – Estratificação por sexo, escolaridade e faixa etária

Nos quadros 5 e 6, é apresentada a divisão das células extralinguísticas do município, caracterizando-se o número exato de informantes que compõem esta pesquisa:

FEMININO	0 a 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo	15 a 25 anos de idade	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		26 a 49 anos de idade	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

QUADRO 5 – SEXO FEMININO – Distribuição dos informantes

MASCULINO	0 a 11 anos de estudo	15 a 24 anos de idade	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		25 a 49 anos de idade	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo	15 a 24 anos de idade	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		25 a 49 anos de idade	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		Acima de 49 anos de idade	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

QUADRO 6 – SEXO MASCULINO – Distribuição dos informantes

5.4 Definição das variáveis

5.4.1 Variável dependente

Segundo Mollica (2007), a variação linguística é um fenômeno que ocorre em todas as línguas do mundo. Dessa forma, subentende-se que as formas linguísticas são alternantes que, por sua vez, são denominadas variantes. Essa autora conceitua *variantes como as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente*. (MOLLICA, 2007, p. 10-11).

Nesse sentido, a presente pesquisa constitui como variável dependente o alicamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na comunidade urbana de Ituiutaba, Minas Gerais. A delimitação dessa variável dependente ocorre devido ao fato de as vogais médias pretônicas serem um dos maiores pontos de divergência dialetal no Português Brasileiro. Foram descritas e analisadas duas variantes das vogais médias pretônicas, /e/ e /o/:

- [i] e [u]: realização alçada;
- [e] e [o]: realização não alçada.

Para esta pesquisa, foram delimitados para o estudo apenas os nomes.

5.4.2 Variáveis independentes

Consoante Mollica (2007), uma variável é formada como dependente a partir da influência das **Variáveis Independentes**. Variáveis independentes, segundo essa autora, é um grupo de fatores caracterizado social ou estruturalmente. Essas variáveis *podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência*. (MOLLICA, 2007, p. 11).

5.4.2.1 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são de natureza estrutural de uma língua. Adiante, elencaremos as variáveis linguísticas delimitadas para a interpretação do fenômeno pesquisado.

5.4.2.2 Distância da tônica

Essa variável indica a posição da vogal na palavra em relação à vogal tônica. Portanto, Os fatores seguidos vão de 1 a 4, sendo 1 o grau de maior aproximação entre as vogais tônica e a pretônica:

- a) (1) **per**diz, **bo**tina;
- b) (2) **aper**itivo, **comp**licado;
- c) (3) **rel**igião, **almox**arifado;
- d) (4 ou mais) **especial**idade, **respons**abilidade.

5.4.2.3 Tipo de sílaba em que ocorre a vogal média pretônica

- Aberta: (CV): **pequeno**, **boneca**;
- Fechada: (CVC e CVN): **oportu**nidade, **verdura**, **sentido**, **conquista**.

5.4.2.4 Vogal na primeira sílaba

Verificamos o efeito da altura da vogal precedente sobre o comportamento das vogais médias pretônicas. Os fatores a serem seguidos foram:

- 1) Vogal alta – remunerado, microfone;
- 2) Vogal média – reflexão, rodoviária;
- 3) Vogal baixa – gasolina, atolado;
- 4) Nasal – impossível, conservatório;
- 5) Vogal média pretônica na primeira sílaba.

5.4.2.5 Vogal da sílaba tônica

Essa variável foi estabelecida da seguinte forma:

- a) Vogal alta: menino, bonito, fortuna;
- b) Vogal média alta: pequeno, gostoso;
- c) Vogal média baixa: boneca e colóquio;
- d) Vogal baixa: melado, pomada;
- e) Nasal: comportamento.

5.4.2.6 Contexto fonológico precedente

As consoantes que acompanham as vogais médias pretônicas podem influenciar na variação das vogais pretônicas, uma vez que o ponto de articulação e o modo de articulação dos segmentos consonantais podem favorecer ou inibir o alicamento dessas vogais. Portanto, consideramos o seguinte contexto fonológico precedente:

➤ **Articulação da consoante precedente**

Ponto

- Labial: menino, felicidade;
- Coronal: dentista, chocalho;
- Dorsal: comprimento, governo;

Modo

- Contínuo: formiga, vestido;
- Não-contínuo: moleque, coberta.

5.4.2.7 Contexto fonológico seguinte

➤ **Articulação da consoante seguinte**

Ponto

- Labial: comprimento, semestre;
- Coronal: dentista, feliz;
- Dorsal: pequeno, fogão;

Modo

- Contínuo: referido, evangelho;
- Não-contínuo: moleque, foguete.

5.4.2.8 Nasalidade

Segundo Bisol (1981), a nasalidade provoca a mudança de timbre das vogais nasalizadas e, por conseguinte, variações da vogal média pretônica. Em razão disso, verificaremos as vogais médias pretônicas em:

- Oral: **telefone, atolado;**
- Nasal: **mensagem, cumprimento.**

5.4.3 Variáveis extralinguísticas

Variáveis extralinguísticas, de acordo com Mollica (2007), são o grupo de fatores de cunho social, isto é, de natureza externa à língua, que exerce *pressão sobre os usos, diminuindo ou aumentando sua frequência de ocorrência*. (MOLLICA, 2007, p. 11). Consideramos três variáveis extralinguísticas: sexo, faixa etária e escolaridade.

5.4.3.1 Sexo: feminino e masculino

Conforme Paiva (2007), a variável sexo é relevante para o comportamento linguístico, porque homens e mulheres, além de terem tons de voz diferentes, apresentam também um vocabulário próprio, isto é, parecem ter um grupo natural de palavras específicas para cada sexo. Portanto, é possível dizer que as diversidades entre a fala de homens e mulheres são de caráter lexical, isto é, algumas palavras parecem ser naturalmente pertencentes ao masculino ou ao feminino.

5.4.3.2 Faixa etária: 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima 49 anos

Dividimos a faixa etária em 15-25, 26-49 e acima de 49. A variável faixa etária é importante para a investigação de variação e mudança linguística, pois essa variável mostrará, mais precisamente, a configuração de um fenômeno linguístico em cada fase do ser humano.

5.4.3.3 Grau de escolaridade

Para este trabalho, o grau de escolaridade foi dividido em anos de estudos: 0 a 11 e mais de 11. Essa variável tem se apresentado importante no desempenho linguístico dos falantes em relação ao uso de uma determinada variante. Estudos sociolinguísticos mostram que falantes mais escolarizados, considerados socialmente prestigiados, tendem a usar a norma urbana de prestígio devido ao maior contato com a língua escrita, enquanto que os menos escolarizados empregam outras variantes. Nessa condição, investigaremos se o grau de escolaridade interfere ou não no alçamento das vogais médias pretônicas dessa região.

6 Coleta dos dados

Foram coletadas 24 entrevistas no período de janeiro de 2009 a outubro de 2009. Para a transcrição ortográfica dessas entrevistas, foram seguidas as normas propostas pelo VALPB (Variação Linguística da Paraíba). O VALPB é um projeto, iniciado em 1993, coordenado pelo professor doutor Dermeval da Hora Oliveira que visa mapear, entender e trabalhar o falar da cidade de João Pessoa em seus diversos aspectos.

Para a coleta de dados desta pesquisa, utilizamos gravação da fala dos informantes com o instrumento MP4, bem como fichas sociais para a catalogação do número de cada informante. Das fichas, constam: data em que foi realizada a entrevista, seu tempo de duração, local, idade, sexo e faixa etária do informante.

Em um primeiro momento, o informante foi contatado em domicílio para o preenchimento da ficha social e agendamento do dia em que poderia conceder a entrevista (alguns aceitaram fazer a entrevista de imediato). O tipo de entrevista foi narrativa livre, em que o informante foi abordado por perguntas referentes a assuntos pessoais, religiosos, leituras, mídia, preconceitos e educação, dentre outros temas que surgiram no contexto da entrevista com cada informante. As gravações variaram de 30 a 40 minutos e todas foram realizadas nas casas dos informantes.

7 Análise estatística geral e discussão dos resultados

As amostras submetidas ao Programa Goldvarb totalizaram 2143 dados (Tabela 1, a seguir), sendo que 1514 são ocorrências da vogal média /e/ e 629 da vogal média /o/. Houve 218 ocorrências de alçamento de /e/ e 233 ocorrências de alçamento de /o/:

TABELA 1
Resultado total do alçamento das vogais médias pretônicas

Vogais médias pretônicas	Total de alçamentos / Total de ocorrências	% Alçamento
/e/	218/1514	14
/o/	233/629	37

Das 24 entrevistas realizadas no Pontal do Triângulo Mineiro, 14% dos dados obtidos são referentes à realização do alçamento de /e/ e 37% desses dados referem-se ao alçamento /o/. Diante desses resultados, verificamos que, no falar Ituiutabano, houve mais realização do alçamento de /o/ do que de /e/, tendo uma diferença percentual considerável entre as duas variáveis de 23%.

A seguir, nas Tabelas 3 e 4, apresentaremos o alçamento das vogais médias pretônicas de /e/ e /o/, respectivamente, no falar Ituiutabano, relacionando-o a resultados de alguns falares do Brasil:

TABELA 2
Estatística sobre o alçamento da vogal média pretônica /e/ no Brasil

Estudo sobre vogais pretônicas no Brasil	e ~ i	%	Cidade
Bisol (1981) fala popular	1276/5743	22	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS
Bisol (1981) fala culta	503/2364	21	
Viegas (1987)	871/2190	40	Belo Horizonte - MG
Freitas (2001)	529/2036	26	Bragança - PA
Viana (2008)	4012/10.679	37,5	Pará de Minas - MG
Graebin (2008)	972/3683	26	Formosa - GO
Silveira (2008)	297/2246	13	São José do Rio Preto - SP
Esta pesquisa	218/1514	14	Ituiutaba - MG

TABELA 3
Estatística sobre o alçamento da vogal média pretônica /o/ no Brasil

Estudo sobre vogais pretônicas	o ~ u	%	Cidade
Bisol (1981) fala popular	1669/5261	32	Porto Alegre, Veranópolis, Taquara, Livramento - RS
Bisol (1981) fala culta	465/2128	22	
Viegas (1987)	396/1741	22	Belo Horizonte - MG
Freitas (2001)	249/1781	14	Bragança - PA
Viana (2008)	1622/6509	25,6	Pará de Minas - MG
Graebin (2008)	663/2863	23	Formosa - GO
Silveira (2008)	297/2246	14	São José do Rio Preto - SP
Esta pesquisa	233/629	37	Ituiutaba - MG

Nas Tabelas acima, observamos que o alçamento de /e/ no falar Ituiutabano está estatisticamente próximo aos dados do falar de São José do Rio Preto - SP, analisados por Silveira (2008), e dos dados do Sul, analisados por Bisol (1981) tanto na fala popular como na fala culta. Os dados de Silveira mostraram que 13% dos informantes alçaram /e/, porcentagem bem aproximada com a estatística do falar Ituiutabano. As análises de Bisol revelam que 22% da fala popular e 21% da fala culta realizam alçamento. Esses resultados aproximam-se também dos resultados do falar Ituiutabano, porém, com uma diferença estatística maior, se comparada aos dados do falar de São José do Rio Preto - SP.

Em comparação aos dados de Belo Horizonte e Pará de Minas – cidades pertencentes à mesorregião metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais – os resultados estatísticos do falar Ituiutabano distanciam-se dos resultados desses falares. Os estudos de Viegas (1987) sobre o alçamento de /e/ mostraram que 40% dos informantes realizaram o alçamento. Com porcentagem próxima aos dados de Belo Horizonte, 37,5% dos informantes de Pará de Minas realizaram alçamento.

Diante desses fatos, notamos que o alçamento de /e/ assemelha-se mais com o falar de São José do Rio Preto - SP do que com os falares da mesorregião metropolitana de Belo Horizonte. Isto é, Ituiutaba é uma cidade mais próxima a estados limítrofes como Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul do que à região metropolitana de Belo Horizonte; portanto, essa proximidade linguística do falar Ituiutabano com o falar de São José do Rio Preto deve-se, também, pela proximidade geográfica entre as regiões.

Com relação à vogal média pretônica /o/, notamos que o alçamento de /o/ não se aproximou dos resultados da mesorregião metropolitana de Belo Horizonte e tem uma diferença de 23% a menos do resultado do Noroeste Paulista. Diferentemente dos dados de /e/, o alçamento de /o/ no falar Ituiutabano não se assemelha do interior de São Paulo nem da região metropolitana de Belo Horizonte. Explicar as semelhanças e diferenças no alçamento de /e/ e de /o/ em comparação a essas regiões, necessitaria de um estudo sociolinguístico mais amplo, não envolvendo apenas aspectos estatísticos, mas fatores sociais, étnicos, culturais que possam fundamentar, mais precisamente, essas semelhanças e diferenças na realização do alçamento.

As análises estatísticas do alçamento de /o/ mostraram que 37 % dos informantes de Ituiutaba alçaram essa vogal média pretônica. Essa porcentagem aproximou-se do resultado de Bisol (1981) – 32% – no que tange à fala popular. É importante ressaltar que Ituiutaba foi urbanizada por sírio-libaneses (comerciantes e fazendeiros) e italianos (boa parte, líderes religiosos e trabalhadores do campo). Esse fato pode ser um fator que explica a proximidade dos resultados dessa pesquisa com os resultados de Bisol que, por sua vez, analisou o falar de cidades colonizadas por estrangeiros (europeus). Todavia, não analisamos a possibilidade de interferências de outras línguas e perspectivas históricas – colônias estrangeiras – neste trabalho. Isso também demandaria um estudo sociolinguístico mais aprofundado.

Referências

ALMEIDA, L. de. **A variação das vogais médias pretônicas na cidade mineira de Machacalis**. 2008. 283f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BISOL, L. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. 1981. 352f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. A neutralização das átonas. **D.E.L.T.A.** São Paulo, v. 19, n. ??, p. 267-276, 2003.

_____. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 296 p.

BORTONI, S. M.; GOMES, C. A.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou difusão lexical? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 1, p. 9-30, jul./dez. 1992.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 124 p.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FERREIRA, A. E. C. S. 2007. 209f. **Da centralidade da infância na modernidade e sua escolarização: a Escola Estadual João Pinheiro – Ituiutaba (MG)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

FREITAS, S. N. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. 157f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GRAEBIN, G. S. **A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas**. 2008. 243f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GOMES, H. T. A colônia sírio-libanesa em Ituiutaba. In: BARRETO, A. et al. **Revista Acaica**, Belo Horizonte, 1953.

HENRIQUES, I. A importância da sílaba: uma reflexão fonológica. **eLingUp**, Porto, v.1, n. 1, p. 37-59, 2009. Disponível em: <http://el.up.pt/elingup/vol1n1/article/article_3.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2010.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p. Tradução de *Sociolinguistic Patterns*.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre, 2005. p. 11-74.

MELO, G. C. de. A língua do Brasil. Rio de Janeiro: Agir, 1946. In: Bisol, L. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. 1981. 230f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística e Filologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 135-145.

MOTA, J. A. **Vogais antes do acento em Ribeirópolis-SE**. 1979. 287 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1979.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953. p. 226.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 135-145.

PETRAGLIA, J. Colônia italiana em Ituiutaba. In: BARRETO, A. et al. **Revista Acaiaca**, Belo Horizonte, 1953.

SILVA, G. M. de O. E. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117-134.

VIANA, V. F. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação lingüística**. 2008. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, M. do C. **O alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística**. 1987. 222 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

_____. Por que falamos desse jeitim? In: RAMOS, J. *BH-110 anos*, no prelo. In: DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.